



A FRAGILIDADE NA ESTRUTURA FAMILIAR E SEUS IMPACTOS NO DESENVOLVIMENTO PSICOSSOCIAL INFANTO-JUVENIL

THE FRAGILITY IN THE FAMILY STRUCTURE AND ITS IMPACTS ON THE PSYCHOSOCIAL DEVELOPMENT OF CHILDREN AND YOUTH

Ana Cristina Amaral Paiva¹

RESUMO: O presente artigo tem por finalidade discorrer sobre o papel da família e os impactos do desenvolvimento psicossocial infanto-juvenil ocasionais por eventuais fragilidades deste núcleo, visto que atualmente jovens e crianças necessitam cada vez mais de atenção especial por apresentarem divergências em suas trajetórias de vida, questões relacionados ao comportamento e dificuldades de aprendizagem. O mito da desestruturação sustenta o argumento de uma crise familiar, e que contribui para as acusações de que os problemas apresentados por crianças e estão relacionados exclusivamente ao núcleo familiar e seus diversos arranjos. Contudo, as revisões bibliográficas contribuíram para a identificação de que as problemáticas comportamentais e psicológicas não estão ligadas apenas ao núcleo familiar, pois abrange o meio social no qual a criança e/ou o adolescente se encontram.

PALAVRAS-CHAVE: Família; Desenvolvimento; Infanto-juvenil; Socialização.

ABSTRACT: The purpose of this article is to discuss the role of the family and the impacts of occasional child and adolescent psychosocial development due to eventual fragilities of this nucleus, since today youngsters and children increasingly need special attention because they present divergences in their life trajectories, behavioral issues and learning difficulties. The myth of disruption underlies the argument of a family crisis and contributes to the accusations that the problems presented by children are related exclusively to the family nucleus and its various arrangements. However, the literature reviews have contributed to the identification that the behavioral and psychological problems are not only related to the family nucleus, since it covers the social environment in which the child and / or adolescent meet.

KEYWORDS: Family; Child and Youth Development; Socialization.

1 INTRODUÇÃO

A família dos meus sonhos não é perfeita. Não tem pais infalíveis, nem filhos que não causam frustrações. É aquela em que pais e filhos têm coragem de dizer um para o outro: ‘Eu te amo’, ‘Eu exagerei’, ‘Desculpem-me’, ‘Vocês são importantes para mim’. (AUGUSTO CURY, 2003)

O presente artigo aborda como temática a família e o desenvolvimento psicossocial infanto-juvenil, inspirado na pesquisa “Intervenções Lúdicas no Atendimento Terapêutico de Crianças no CAPSi de Brumadinho”, realizada por graduandas do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Campus Betim, no período de 2016/2017.

A compreensão da infância enquanto período fundamental para a constituição do sujeito, faz surgir na sociedade instituições que tenham em seu cerne a preocupação com a criança, inicialmente voltadas ao contexto educacional com o aumento de pesquisas e estudos na

¹ Graduanda no curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – Campus Betim. E-mail: anacristinaap@outlook.com

área identifica-se o brincar como auxiliar no desenvolvimento de características e capacidades imprescindíveis para a formação infanto-juvenil.

Tendo em vista a crescente demanda de atendimento psicólogo para crianças e adolescentes, a pesquisa surgiu com o intuito de compreender de modo mais amplo as intervenções utilizadas no atendimento terapêutico. Baseada nas revisões da literatura compreende-se que a ludoterapia, ferramenta de intervenção que utiliza de brinquedos, brincadeiras, teatros, e outras técnicas para auxiliar nos tratamentos – psicológicos, médicos, entre outros –, proporciona para a criança uma compreensão melhor da situação na qual se encontra (OLIVEIRA et al; 2017).

Os objetivos da pesquisa eram voltados aos efeitos das atividades lúdicas dentro do contexto na saúde mental e suas contribuições para a criança. Dentre eles trazia-se também o propósito de apurar a visão do Psicólogo frente à estas intervenções lúdicas.

A pesquisa foi realizada no CAPSi, Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil, de Brumadinho – MG, que conta com profissionais de diferentes formações, psicólogos, enfermeiros, terapeutas entre outros. A pesquisa foi realizada por meio de pesquisa-ação, que possibilitava a atuação das pesquisadoras dentro do contexto e também a interação com os participantes das oficinas.

As pesquisadoras participaram de 4 oficinas, planejadas pelos profissionais do CAPSi, com crianças e adolescentes com idade entre 3 a 18 anos. Além disso foi aplicado um questionário, em forma de entrevista semiestruturada para os profissionais que lá que lá atuam.

Na análise dos dados obtidos através dos questionários e das observações realizadas reafirmou-se a efetividade do lúdico e que as oficinas cumpriam com seu papel inicial que está ligado a promover a interação das crianças e adolescentes. A socialização foi um dos principais tópicos abordados durante a realização da pesquisa, portanto convém ressaltar o primeiro grupo social que a criança integra, a família.

Diversas crianças que realizam atendimento, buscam o CAPSi em decorrência de conflitos familiares, e durante a realização das oficinas a temática se tornava cada vez mais presente, seja por meio dos desenhos com representações da estrutura familiar, na escrita ou no discurso dos participantes. Dentro das oficinas também foram trabalhadas as habilidades sociais, que visam desenvolver novos meios para as demandas sociais a serem vivenciadas pelas crianças e adolescentes.

Após a atuação em campo pode-se identificar também que as oficinas desenvolvidas no CAPSi de Brumadinho tendem a trabalhar com dinâmicas mais pedagógicas do que as propriamente psicológicas. Os fatores que possibilitam a ocorrência de tal fato podem ir desde

a maior facilidade no planejamento e execução de oficinas pedagógicas ou até mesmo a ausência de apoio financeiro dos órgãos municipais, tendo em vista que o local aparenta ter escassez de materiais para elaboração e execução de oficinas mais elaboradas.

A experiência de participação das oficinas realizadas no CAPSi proporcionou um despertar relacionado as crianças e adolescentes que buscam atendimento em decorrência de problemas no núcleo familiar, indo desde pequenos conflitos à questões como abandono e violência doméstica.

Sales (2016, p. 3) aponta que “se o ambiente familiar for frágil, os reflexos dessas fragilidades poderão ser sentidos por todos aqueles que convivem com aquela família”, sendo assim faz-se necessário mais pesquisas e trabalhos dentro desses contextos, principalmente em locais mais carentes.

Convém ressaltar também a importância de trabalhos com esse público estabelecido na sociedade como um todo, que enxerga a criança ou o jovem que vive em uma situação mais fragilizada como sinônimo de problemas. (SALES, 2016)

O artigo visa responder ao questionamento sobre quais os impactos da fragilidade da estrutura familiar no desenvolvimento psicossocial infanto-juvenil, principalmente no que se refere a socialização das crianças e adolescentes com idade entre 3 e 15 anos.

No que tange as contribuições deste artigo, busca-se auxiliar na formação acadêmica dos psicólogos e outros profissionais na área e destinando-se também à auxiliar na compreensão da temática Família e Desenvolvimento Infanto-juvenil pela sociedade como um todo.

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste artigo será a revisão sistemática da literatura, que visa avaliar de modo dinâmico os principais estudos e levantamentos já existentes sobre essa temática. “A revisão sistemática [...] é um método utilizado para responder a uma pergunta específica sobre um problema específico. [...] o foco do estudo está em uma pergunta específica” (TIPOS... 2018).

Os artigos e textos utilizados como fundamentação teórica deste artigo, vislumbram os principais pontos a serem percorridos no presente artigo, sendo eles, a família e seu papel, o desenvolvimento da criança e do adolescente, os vínculos que auxiliam na constituição da socialização e da afetividade durante a trajetória de vida. As referências em grande maioria foram obtidas online, provenientes do Google Acadêmico e do Scielo.

2 FAMÍLIA E SEU PAPEL NO DESENVOLVIMENTO INFANTO-JUVENIL

A concepção de família sofreu transformações ao longo dos anos, anteriormente relacionada ao casamento, atualmente aborda uma esfera mais ampla, segundo Ribeiro e Bésia

(2015, p. 2) “[...] o Estado deixa de se interessar-se apenas pelo ato formal do casamento, preocupando-se, sobretudo, em resguardar o grupo familiar”.

Para efetiva compreensão dos impactos da fragilidade familiar no desenvolvimento infanto-juvenil é necessário, portanto apresentar a definição da família e seu papel. Teodoro apresenta o sentido mais básico da família como constituída por ligações sanguíneas, casamentos ou adoções, “[...] a família constitui-se como um instituição fundamental da sociedade que divide o seu dia-a-dia e possui um relacionamento íntimo entre os seus membros, que promovem o seu relacionamento” (TEODORO, 2009, p. 112-113)

A historicidade da família destaca que anteriormente esta se baseava no modelo monogâmico, marido, esposa e filhos, onde era estabelecido uma hierarquia na qual o pai possuía controle sobre os demais membros (GOLDANI, 1993).

As transformações na sociedade com o passar do tempo refletiram nas estruturas familiares, a inserção da mulher do mercado de trabalho, como forma de auxiliar na renda, o aumento de casos de separações e divórcios, fizeram surgir diversas representações de família dentro dos lares – presença de apenas um dos pais, mães jovens que ainda vivem com os avós – (RIBEIRO; BÉSSIA, 2015).

A variedade de arranjos domésticos dos grupos populares – onde sobressai a presença das famílias monoparentais, sobretudo mulher com filhos – é atribuída a uma maior instabilidade do vínculo conjugal, fato que tem alimentado o mito da desorganização familiar entre os pobres. (GOMES apud GOLDANI, 1993, p. 74)

Woortmann² (1987) e Durham³ (1982) citados por Goldani (1993) apresentam uma nova perspectiva com relação aos arranjos familiares, segundo eles as rupturas familiares ditas convencionais ocorrem em decorrência de situações de alcoolismo ou de “migrações transitórias” por parte do pai, ou provedor da família.

Evidentemente, as famílias se estruturam de formas diversas em função do lugar, tempo, heranças etc., e é desse emaranhado de fios que emergem as funções do grupo familiar. Hoje, vemos nesse grupo tantas formas de expressão quantas são as unidades analisadas. (PASSOS, 2005, p. 16)

Segundo Viana (2017), os arranjos familiares, anteriormente restritos aos modelos nucleares, com uma presença patriarcal, responsável por ser o provedor financeiro da família, vão sendo substituídos por diversas formações, compostas por uma gama de membros, com

² WOORTMANN, K. **A Família das Mulheres**. Tempo Brasileiro, CNPQ – Rio de Janeiro, Brasília. 1987.

³ DURHAN, Eunice Ribeiro. Família e Casamento. In: **Terceira Nacional da ABEP**. São Paulo. 1982

laços sanguíneos ou não. É indispensável, portanto, desmitificar os conceitos pré-existentes, e compreender através de estudos e análises, que a sociedade será organizada através das identificações ocorridas a partir de laços afetivos.

As posições de gênero e as relações de poder ainda persistem mais são atenuadas diante das necessidades de sobrevivência, da impossibilidade do exercício dos papéis estereotipados de gênero e da circulação de ideias de modelos e de identidade de condutas sociais mais flexíveis. (VIANA, 2017, s.p.)

Diniz e Coelho (2005) apontam a constante relação entre a história das mulheres e a história das famílias, onde denota-se as perdas de identidade vivenciadas no momento em que a mulher deixa suas necessidades e demandas para assumir um papel de mãe, o cumprimento de uma maternidade assume a própria individualidade da mulher. Este cenário pode ser ilustrado através da fala de Viana (2017), para ela:

A partir das mudanças sociais e econômicas, houve uma redefinição dos papéis do homem e da mulher, mas ainda assim a mulher acumula a responsabilidade da dupla jornada. [...] Contudo, ressalta-se que atualmente em muitas famílias, há uma divisão nas tarefas domésticas e os responsáveis repartem as responsabilidades sobre os filhos, mas, a sociedade ainda associa estas atividades à mulher. Apesar desta série de modificações envolvendo a mulher, não se pode eximir a realidade que ainda é forte e presente, em que o machismo impera em vários setores da sociedade, inclusive da família. Não aprofundaremos no tema por não ser o objetivo do nosso enfoque. (VIANA, 2017, s.p.)

Surge então a necessidade de abordar as questões relacionadas ao conceito de gênero, segundo Campos e Teixeira (2010) essa temática está relacionada às construções sociais de masculinidade e feminilidade, algo que supera apenas a diferença biológica e incluem até mesmo quais costumes e prática que determinam o comportamento dos sujeitos.

Para Anjos (2000, p, 275) a percepção das diferenças entre os gêneros “está fundamentada em esquemas classificatórias que opõem masculino/feminino, sendo esta oposição homóloga e relacionada a outras: forte/fraco; grande/pequeno; acima/abaixo; dominante/dominado.” Ou seja, além das diferenciações realizadas entre os gêneros se estabelece uma série de outras especificidades que conduzem a novos padrões, como as figuras de autoridade, que tendem a ser do gênero masculino, exercendo domínio sobre esposa e filhos.

A delimitação de comportamentos e papéis a serem executados por um gênero específico produziram um discurso de vulnerabilidade feminina, principalmente no que diz respeito ao casamento, onde a mulher necessitava da presença masculina, inicialmente do pai e poste-

rior ao matrimônio, do marido, para ser reconhecida na sociedade. Em seguida outra etapa tida como obrigatória na vida da mulher é a maternidade.

Na vida adulta, muitas mulheres se sacrificam para se dedicarem aos filhos. A tarefa é levada adiante quando assumem também responsabilidade pela criação dos netos. Constatamos que existem muitas maternidades e que dificilmente elas são exercidas sem culpa e sem cobrança. (DINIZ; COELHO, 2005, p. 154)

O papel da mulher nas transformações da sociedade se inicia durante as revoluções que possibilitaram a expansão dos direitos e o próprio exercer de sua cidadania, como a participação na política, indo desde o direito ao voto até a própria candidatura. A busca por uma melhor qualidade de vida, não apenas para si, mas para a família como um todo. Tendo em vista as dificuldades socioeconômicas e a busca por novas fontes de renda faz surgir a necessidade da autonomia da mulher, o que por sua vez contribui para a reestruturação dos núcleos familiares.

Com base nos fatores abordados anteriormente, sabe-se, portanto, que a maioria dos arranjos familiares que apresentaram crescimento nos últimos anos diz respeito a formação que corresponde a mulher e filhos, sem a presença patriarcal (GOLDANI, 1993).

Um dos fatores que contribuem para tal cenário é o aumento significativo de divórcios e separações, oriundos da conquista de autonomia anteriormente apresentada. A independência conquistada pelas mulheres permite que questões como o divórcio ou a maternidade fora de laços matrimoniais, antes condenadas pela sociedade sejam respeitadas.

A essa revolução social corresponde uma revolução cultural, de costumes, de padrões de conduta que se revelam em uma moral sexual menos repressiva, na pouca estabilidade do casamento, na sexualidade desligada da procriação; e, portanto, ocorrem mudanças na estrutura e na organização da família tradicional e nas atividades domésticas. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008, p. 239).

De acordo com Goldani (1993) as novas formações familiares implicam, portanto no discurso de “crise familiar” sob os argumentos de que a família foi desinstitucionalizada, por fatores como a autonomia adquirida pelos indivíduos, o declínio da família como valor cultural, a diminuição do tamanho das famílias e os índices de separação maiores. Entretanto em contrapartida a esse discurso identifica-se fatores opostos aos apresentados como “as melhorias nas condições de saúde e mortalidade” (GOLDANI, 1993, p. 91) que proporcionaram o aumento na expectativa de vida, e com o envelhecimento da população possibilita-se uma convivência maior entre as gerações.

Com relação a reprodução o número de filhos em relações divergentes ao casamento e “produções independentes” obteve-se um grande aumento, Goldani⁴ (1990) citada por Goldani (1993, p. 93) destaca que “em 1984 cerca de 11% do total das mulheres adultas solteiras haviam tido filho. Esta proporção variou de ao redor de 21% para as negras, 13% entre as pardas e 8% para as brancas.”

Os dados do Censo Demográfico 2000/2010, realizado pelo IBGE, apresenta um cenário de crescimento das famílias monoparentais femininas, contudo, cabe salientar que na área rural esta composição familiar ainda obtém um percentual inferior.

**Famílias únicas e conviventes principais em domicílios particulares,
por classificação, segundo o tipo de composição familiar – Brasil – 2010**

| Tipo de composição familiar | Famílias únicas e conviventes principais em domicílios particulares | | | |
|--|---|----------------|-----------------|------------|
| | Total | Classificação | | |
| | | Nuclear básica | Nuclear extensa | Composta |
| Total | 49 975 934 | 79,9 | 18,4 | 1,7 |
| Casal sem filhos | 8 859 442 | 98,7 | - | 1,3 |
| Casal sem filhos e com parentes | 1 273 093 | - | 97,6 | 2,4 |
| Casal com filhos | 24 690 256 | 98,8 | - | 1,2 |
| Casal com filhos e com parentes | 2 733 478 | - | 97,4 | 2,6 |
| Monoparental feminina com filhos | 6 093 226 | 97,9 | - | 2,1 |
| Monoparental feminina com filhos e com parentes | 1 995 399 | - | 97,5 | 2,5 |
| Monoparental masculina com filhos | 881 716 | 96,5 | - | 3,5 |
| Monoparental masculina com filhos e com parentes | 283 596 | - | 96,6 | 3,4 |
| Outro | 3 165 729 | - | 96,5 | 3,5 |

Fonte: IBGE, Censo Demográfico 2010

A família, portanto, deixou de ser uma organização singular, que apresentava apenas uma forma de composição e se tornou pluralizada. Cabe ressaltar ainda a situações de crianças e adolescentes que necessitam de outra figura para assumir o papel da família, tal função deve

⁴ GOLDANI, Ana Maria. Desigualdade Racial nas Trajetórias de Vida Familiar das Mulheres Brasileiras. In: **Desigualdade Racial no Brasil Contemporâneo**. Fundação FORD e Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (CEDEPLAR) da Universidade Federal de Minas Gerais. 1990.

ser de responsabilidade do estado “por meio de seus serviços e programas (núcleos de proteção, serviços de atenção especial) com o objetivo de garantir os direitos à infância e a à juventude” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008, p. 239).

Com relação à atuação dos adultos no desenvolvimento da criança podemos abordar a teoria de Vygotsky, a evolução dos processos psicológicos é iniciada somente com a mediação dos adultos. Bock, Furtado e Teixeira (2008) destacam ainda que inicialmente estes processos só ocorrem na presença do outro e à medida em que a criança se desenvolve consegue executá-los de modo intrapsíquico.

As características afetivas e sociais estão em constante evolução desde o início da vida, de acordo com a teoria desenvolvida por Piaget, a criança em torno de dois anos, já reconhece o ambiente externo a si, e procura se tornar participativa no mesmo. O surgimento da linguagem também é um fator fundamental para o desenvolvimento humano, principalmente no que diz respeito ao social.

A interação e a comunicação entre os indivíduos são, sem dúvida, as consequências mais evidentes da linguagem. Com a palavra, há possibilidade de exteriorização da vida interior, e, portanto, a possibilidade de corrigir ações futuras. (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2008, p. 121).

Portanto as mudanças vivenciadas dentro nos núcleos familiares e as especulações acerca da crise familiar proporcionam reflexões sobre os valores da sociedade como um todo, pois a família é o primeiro grupo que a indivíduo integra, a partir dele que ela compreenderá a sociedade.

Rabinovich e Moreira⁵ (2011) citados por Neves e Sanches (2014) destacam que é na estrutura familiar que conceitos como identidade e moral serão constituídos. É com o adquirir da idade que o indivíduo constituirá seus valores morais, e a partir deles passa a ter novas relações sociais, buscando satisfazer as necessidades de segurança e afeto, integra outros grupos.

Dentro do ambiente familiar os pais se definirão como os principais modelos de homem e mulher. No caso das estruturas familiares que constam apenas com um dos referenciais, a criança deverá buscar em situações exteriores modelos cumprir com esse papel.

⁵ RABINOVICH, E. P. MOREIRA. (Org.) **Família e Parentalidade: Olhares da Psicologia e da História**. Curitiba: Juruá. 2011.

Tendo em vista o valor da relação da construção da identidade e da personalidade com o aspecto afetivo, faz-se necessário compreendê-lo de modo mais amplo, para Cegalla⁶ (2005) citada por Reginatto (2013) afetividade está ligada aos fenômenos de emoção, sentimentos, satisfação ou insatisfação, dor ou prazer.

Conforme apresentado anteriormente a socialização é desenvolvida a partir das experiências que o sujeito vivenciou e ainda vivencia, no contexto infanto-juvenil Reginatto (2013, p. 8) citando Tiba⁷ (2002), destaca “[...] a importância de uma criança sentir-se amada, pois o amor transforma-se em autoestima que vai acompanhando o seu crescimento e alimentando-se de suas realizações.”

As fragilidades da estrutura familiar e ausência de afeto e atenção, desencadeiam na criança dificuldades de convivência pois não “[...] conseguem demonstrar esses sentimentos para com os demais membros da sociedade.” (REGINATTO, 2013, p. 9).

Retornando a temática das fragilidades, Sales (2016) apresenta relatos obtidos a partir de sua pesquisa de campo, realizada no município de Cafelândia – PR, com profissionais que atuam nas áreas sociais e tem contato direto com crianças, adolescentes e suas famílias, nos quais se observa fatores que implicam nos ideais de família “em crise”.

Um dos relatos apresentados por Sales (2016) destaca os principais problemas observados na prática:

[...] Sabemos que as expressões da questão social se fazem presente na vida dessas famílias, que esses pais se sentem culpados, mas as fragilidades são tão grandes que os pais não tem mais tempo para cuidar da afetividade dos filhos, que a sobrevivência é o maior problema, e quando os pais menos esperam o maior problema é se depararem que as crianças se tornaram adolescentes adoecidos [...]. (ENTREVISTADO C apud SALES, 2016, p. 5).

Conforme apresentado no relato anterior, a sociedade traz como ideal que crianças e adolescentes com dificuldades socioeconômicas são os que apresentam mais problemáticas, o que acaba contribuindo com o discurso de desestruturação da família.

Por outro lado, têm-se situações que pode originar diversos sofrimentos no adolescente ou na criança diz respeito à questão do abandono, que ultrapassa a dimensão física, fazendo com que o sujeito sintam-se rejeitado. Sales (2016, p. 7) elucida essa questão apontando que

⁶ CEGALLA, Domingos Paschoal. **Dicionário Escolar da Língua Portuguesa**. São Paulo. Companhia Editora Nacional. 2005.

⁷ TIBA, I. **Quem Ama Educa**. São Paulo. Gente. 2002.

“[...] quando isso ocorre a criança e/ou adolescente, além de sofrer a ausência do afeto, se sente excluído do próprio núcleo familiar.”

Em contraponto ao abandono físico, é cada vez mais comum na atualidade, o abandono psicológico, onde existe uma tentativa de suprir a ausência de afeto através de bens materiais (FABRINO, 2012).

Outros fatores que causam impactos no desenvolvimento psicossocial infanto-juvenil são as agressões e maus-tratos. Apesar de basicamente vincularmos os maus-tratos à agressão, eles incluem uma série de outras ações como negligências e abusos. É importante ainda salientar que os maus-tratos, não estão vinculados apenas a pessoas, e abrangem instituições e a sociedade como um todo.

As consequências de tais atos podem ir da sequelas neurológicas e distúrbios à reprodução do comportamento agressivo, por parte da vítima, pois, conforme apresentado anteriormente, é a partir do núcleo familiar que o sujeito estabelecerá os modelos que seguirá. (CAMACHO, 2012)

Camacho (2012) ainda destaca que grande parte dos jovens institucionalizados perdem contato com a família, e que nos reencontros – esporádicos – percebe-se a fragilidade em suas organizações familiares. Fora a questão da marginalização dessas crianças e adolescentes.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente artigo visa ampliar os conhecimentos acerca dos impactos das fragilidades da estrutura familiar no desenvolvimento psicossocial infanto-juvenil. Os questionamentos despertados pela breve atuação no CAPSi de Brumadinho, durante a pesquisa de campo realizada anteriormente, contribuíram para o interesse de buscar na área da psicologia, estudos que vislumbrem possíveis “soluções” ou causas de dificuldades cognitivas e comportamentais apresentadas pelo público infanto-juvenil.

Portanto, baseado nos autores abordados no decorrer do artigo, compreende-se que o senso comum estabeleceu um estigma da vulnerabilidade social como causa de grande maioria, se não de todos os problemas comportamentais e psicológicos que as crianças e adolescentes possam vir a ter, que juntamente com o mito da desestruturação familiar contribui para a criação de uma concepção de que todas as dificuldades cognitivas ou comportamentais estão vinculadas diretamente as condições socioeconômicas.

Contudo, o estudo anterior contribuiu para a formação de um contraponto à pergunta inicial do artigo, as fragilidades da estrutura familiar, as questões sociais e econômicas e ou-

tras dificuldades que possam vir a ser enfrentadas, apesar de produzirem impactos no desenvolvimento infanto-juvenil, atuam muito mais como fatores atenuantes do que como causadores das problemáticas comportamentais ou cognitivas.

Através das revisões de literatura realizadas, foi possível compreender que a afetividade é o principal influenciador e norteador no desenvolvimento das habilidades sociais que serão vivenciadas pelas crianças e adolescentes em suas relações afetivas.

Como resposta à problemática inicial apresentada conclui-se que é a falta de afeto, a negligência de afetividade, que culmina nos impactos observados nas trajetórias infanto-juvenis. Essa omissão pode ocorrer na ausência de supervisão e de condições dignas, ou também na busca por satisfazer os cuidados básicos através de bens materiais, o que reafirma a ideia de os impactos no desenvolvimento infanto-juvenil não estão associados às condições socioeconômicas das famílias.

O presente artigo visa, portanto, para a constituição de uma conscientização na sociedade acerca das divergências do discurso de crise familiar, recorrendo à historicidade de transformações vivenciadas nas organizações sociais e o modo como elas repercutiram nas organizações familiares que podem ser observadas na atualidade.

Com relação às crianças e adolescentes é direito, garantido por lei, que eles recebem assistência e que tenham uma vida digna, e se por ventura, o núcleo familiar não conseguir atender as necessidades infanto-juvenis, o Estado assume o papel, mas mesmo em instituições, como abrigos, a criança e o adolescente devem receber além da atenção básica, afeto e carinho.

Por fim, cabe salientar a necessidade de mais estudos que possibilitem identificar os fatores agravantes das dificuldades cognitivas e comportamentais das crianças e adolescentes, para assim identificar pontos norteadores, que auxiliem na superação destas e dificuldades e proporcionem uma superação deste discurso de culpabilização da família.

É importante destacar também, a crescente demanda de uma participação atuante da sociedade como um todo, não apenas nas questões relativas ao contexto infanto-juvenil, e sim na amplitude de diálogos, para a superação de conceitos pré-estabelecidos, que auxiliem assim na superação de discursos de ódio e de incompreensão, que muitas vezes ignoram o outro, sua individualidade e subjetividade, simplificando o sujeito a um objeto do discurso.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Gabriele dos. Identidade Sexual e Identidade de Gênero: Subversões e Permanências. **Sociologias**. Porto Alegre. Ano 2, nº 4, jul/dez 2000, p. 274 – 305. Disponível em: <www.seer.ufrgs.br/sociologias/article/download/5716/3312>. Acesso em: 10 de Outubro de 2017.

BOCK, Ana Mercês B.; FURTADO, Odair; TEIXEIRA, Maria de Lourdes T. **Psicologias: Uma Introdução ao Estudo da Psicologia**. São Paulo: Saraiva. 2008.

CAMACHO, Liliana M. T. **O Desenvolvimento Psicossocial de Crianças e Jovens em Risco Institucionalizadas**. Tese de Mestrado em Psicologia Social e das Organizações. Instituto Superior de Línguas e Administração. Leiria. Portugal. 2012. Disponível em: <<http://recil.ulusofona.pt/bitstream/handle/10437/3366/Tese%20-%20Liliana-Agosto%20iii.pdf?sequence=1>>. Acesso em: 28 de Outubro de 2017.

CAMPOS, Marta S. TEIXEIRA, Solange M. Gênero, Família e Proteção Social: As Desigualdades Fomentadas pela Política Social. **Red de Revistas Científicas de América Latina y el Caribe, España e Portugal**. 2010. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/html/1796/179615654003>>. Acesso em 13 de Outubro de 2017.

DINIZ, Gláucia. COELHO, Vera. A História e as Histórias de Mulheres Sobre o Casamento e a Família. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Família e Casal: Efeitos da Contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio. 2005.

FABRINO, Verônica N. **Afetividade e Base Familiar: Norteadores da formação de personalidade**. Trabalho de Conclusão de Curso, Graduação em Pedagogia. UNISAM. São Mateus. Espírito Santo. 2012. Disponível em: <http://saomateus.multivix.edu.br/wp-content/uploads/2013/05/Afetividade-e-base-familiar_norteadores-da-formacao-da-personalidade.pdf> Acesso em: 28 de Outubro de 2017.

GOLDANI, Ana Maria. As Famílias no Brasil Contemporâneo e o Mito da Desestruturação. **Cadernos PAGU**, Núcleo de Estudos de Gênero – Pagu. Unicamp. 1993. P. 67 - 110. Disponível em: <<file:///C:/Users/anacr/Downloads/1681-1820-1-SM.pdf>>. Acesso em 25 de Setembro de 2017.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Famílias e Domicílios: Resultados da amostra. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/97/cd_2010_familias_domicilios_amostra.pdf. Acesso em: 17 de Fevereiro de 2019.

NEVES, Shanny M. SANCHES, Mário A. O Papel da Família na Construção da Responsabilidade Moral Sob a Perspectiva da Bioética. **Anais da I JORNEB – Jornada de Estudos e Pesquisa em Bioética da Pontifícia Universidade Católica do Paraná**. 2014. Disponível em: <<http://jorneb.pucpr.br/wpcontent/uploads/sites/7/2015/02/O-PAPEL-DA-FAM%3%8DLIA-NA-CONSTRU%3%87%3%83O-DA-RESPONSABILIDADE-MORAL.pdf>> Acesso em 10 de Setembro de 2017.

OLIVEIRA, Aline A., DUTRA, Ana Clara L., PAIVA, Ana Cristina A., LOPES, Cárita L. C., FREITAS, Taís M. **Intervenções Lúdicas no Atendimento Terapêutico de Crianças no CAPSi de Brumadinho**. Betim – MG. 2017.

PASSOS, Maria Consuêlo. Nem tudo que muda, muda tudo: um estudo sobre as funções da família. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha. **Família e Casal: Efeitos da Contemporaneidade**. Rio de Janeiro: Ed. PUC Rio. 2005.

REGINATTO, Raquel. A Importância da Afetividade no Desenvolvimento e Aprendizagem. **Revista de Educação do IDEAU**. Vol. 8, Nº 18. Julho/Dezembro. 2013. Disponível em: <http://www.ideau.com.br/getulio/restrito/upload/revistasartigos/11_1.pdf>.

RIBEIRO, Natálio V. BÉSSIA, Jovenilda F. As Contribuições da Família Para o Desenvolvimento da Criança na Educação Infantil. **Anais da Jornada de Iniciação Científica da FAACZ** (Faculdades Integradas de Aracruz). 2015. Nº 1, V. 1. Disponível em:<http://www.faacz.com.br/portal/conteudo/iniciacao_cientifica/programa_de_iniciacao_cientifica/2015/anais/as_contribuicoes_da_familia_para_o_desenvolvimento_da_crianca.pdf> Acesso em: 15 de Setembro de 2017.

SALES, Evelyn T. A Influência do Contexto Familiar na Saúde Mental das Crianças e Adolescentes. **IX Semana Acadêmica e III Seminário Estadual de Serviços Social das Faculdades ITECNE**. Cascavel – PR. Vol I – Ano 2016. ISSN 2446-5518. Disponível em: <[http://itecne.com.br/social/edicoes/2016/artigos/Artigo% 20\(4\).pdf](http://itecne.com.br/social/edicoes/2016/artigos/Artigo%20(4).pdf)> Acesso em: 15 de Setembro de 2017.

TEODORO, Maycoln L. M. Família, bem-estar e qualidade de vida de crianças e adolescentes. In: HAASE Vítor G.; FERREIRA, Fernanda O.; PENNA, Francisca J. **Aspectos Biopsicossociais da Saúde na Infância e Adolescência**. Belo Horizonte: Coopmed, 2009. Cap. 5. P. 115 – 122.

TIPOS de Revisão de Literatura. [S. l.], 2018. Disponível em: https://guiadamonografia.com.br/tipos-de-revisao-de-literatura/?utm_source=blog&utm_medium=post&utm_campaign=tipos-de-revisao-de-literatura. Acesso em: 17 de Fevereiro de 2019.

VIANA, Eleniza. **Uma análise dos diversos arranjos familiares da atualidade**. Junho de 2017. Disponível em: <https://www.webartigos.com/artigos/uma-analise-dos-diversos-arranjos-familiares-da-atualidade/40312/>. Acesso em: 17 de Fevereiro de 2019.